

**“Guerra Acadêmica no Campo da Geografia”: A Eliminação da Geografia em Harvard, 1947-1951****Academic War Over the Field of Geography”: The Elimination of Geography at Harvard, 1947–1951**

Neil Smith

Departamento de Geografia, Rutgers University

Tradutor:

Fernando José Coscioni

Doutor pela Universidade de São Paulo-USP

fernando.coscioni@gmail.com

**Resumo**

Depois de modesta, porém, otimista expansão nos anos 1940, o programa de geografia na Universidade de Harvard foi, repentinamente, finalizado em 1948, desencadeando uma “guerra acadêmica no campo da geografia” amplamente publicizada. Foi um baque severo para a disciplina, não apenas por causa da posição de Harvard na educação superior, mas também porque, no decorrer da finalização, o Presidente da Universidade de Harvard sugeriu que a geografia não era um tema universitário apropriado. A história disciplinar do episódio de Harvard é dominada por apreciações orais e discussões de personalidades, entretanto, uma reconstrução arquivística mais distanciada dos eventos é necessária hoje, para recuperar o que claramente ocorreu e, dessa forma, possibilitar que nós o entendamos menos defensivamente. Por qualquer que seja o papel de personalidades específicas, e Isaiah Bowman parece ter sido mais decisivo do que geralmente é reconhecido, há uma questão mais ampla referente à vulnerabilidade da geografia, em Harvard e em todo lugar. No decorrer do término e da reconsideração da geografia em Harvard, várias questões chave emergiram a respeito da efetividade da disciplina, e elas ainda são relevantes hoje. Esta é, principalmente, uma reconstrução histórica e, conseqüentemente, também aborda temas de relevância contemporânea. Pois pode ser que hoje, assim como em Harvard em 1948, a própria disciplina carregue alguma responsabilidade pelos fracassos que sucedem.

**Palavras-chave:** Harvard, geografia, Isaiah Bowman, Derwent Whittlesey, ciência social, geografia humana, geografia física, síntese.

Muitos geógrafos devem compartilhar o sentimento de Jean Gottmann de que o fechamento do departamento de geografia de Harvard em 1948 foi “um terrível baque...para a geografia americana” do qual ela “nunca se recuperou completamente” (1). O baque foi ainda mais severo porque a decisão de eliminar a geografia em uma das principais universidades da

América foi justificada à época pela sugestão de que a geografia talvez não fosse um tema universitário adequado. Em suma, houve uma continuada “guerra acadêmica no campo da geografia”, como a *Harvard Crimson* a chamou (“Off the map”, 1951), e mesmo hoje vários acadêmicos se recordam daquela luta ou estão familiarizados com o seu resultado. Dentro da disciplina, esse episódio é tratado geralmente com uma defensiva injustificada; pouco é dito abertamente e quase nada é escrito, resultando, assim, em um entendimento dos eventos dominado por rumores e lendas. Essa defensividade é um desserviço à disciplina; ela encoraja um número de mitos sobre por que departamentos de geografia são fechados – antes e agora – em uma época na qual é particularmente urgente que os geógrafos enfrentem diretamente problemas tal como o do potencial da geografia acadêmica. Especialmente nos Estados Unidos, onde vários departamentos recentemente têm sido fechados e outros são ameaçados, a crise atual da geografia acadêmica revela vários dos mesmos sintomas que caracterizaram o caso Harvard. O presente artigo não é apenas um estudo de caso de um evento particularmente importante na história da geografia americana, mas também uma oportunidade para a reflexão e um convite para aprender com a história e para aplicar essas lições ao presente.

Relatos orais do caso Harvard têm se centrado exclusivamente no caráter e nas ações de vários indivíduos-chave. Foi amplamente afirmado que Derwent Whittlesey, que liderou a geografia em Harvard nos anos 1930 e 1940, era gay, e que essa foi a questão central na eliminação do departamento de geografia. Alexander Hamilton Rice, um patife, segundo vários relatos, que fundou e encabeçou o *Institute for Geographical Exploration* da universidade, foi também amplamente envolvido, assim como Paul Buck, reitor de Harvard em 1948, chefe da *Faculty of Arts and Sciences*, e administrador mais diretamente responsável por decidir contra a geografia. O argumento contra Buck, assim como aquele contra James Conant (presidente de Harvard)<sup>1</sup>, se encaixa claramente à teoria do “reitor hostil” sobre por que a geografia é um alvo; esse argumento persiste fortemente hoje como uma “explicação” para os ataques contemporâneos à disciplina. Por fim, especulação

---

<sup>1</sup> No caso das referências a James Conant, é importante lembrar que o cargo de presidente, nas grandes universidades americanas, é distinto do cargo de reitor; por isso traduzimos a expressão “president” como “presidente” e não como reitor. Normalmente, os cargos equivalentes, nas universidades americanas, ao cargo de reitor nas universidades brasileiras, são os cargos de “dean” ou “provost” (N.T.).

considerável centra-se no papel de Isaiah Bowman. Ele é considerado como alguém que, ou teria contribuído para a eliminação da geografia, ou teria ficado profundamente desapontado pela sua perda, a respeito da qual ele não poderia fazer nada. Talvez os rumores, lendas e anedotas em torno de Bowman – um eminente geógrafo, presidente da Universidade Johns Hopkins e, à época, uma figura pública bem conhecida – sejam menos úteis na reconstrução da história da eliminação da geografia em Harvard.

A sabedoria convencional foca-se nas personalidades e nos aspectos pessoais da controvérsia. Isto é característico do entendimento coletivo de uma disciplina a respeito da sua própria história recente, onde os próprios participantes estabelecem a primeira versão dos eventos e fazem a primeira discriminação dos heróis e vilões. Contudo, a familiaridade pessoal é uma faca de dois gumes. Os participantes ajudam a manter a história viva nos últimos anos, mas, por estarem tão próximos aos eventos, eles inevitavelmente pintam um retrato altamente pessoal; o significado mais amplo dos eventos, frequentemente, torna-se claro em retrospectiva, uma vez que eles podem ser vistos em um contexto maior. Portanto, é uma incumbência de toda disciplina destilar versões pessoais do seu passado recente em história propriamente dita. Isso pode e tem sido feito defensivamente como uma hagiografia, apresentando a história como pouco mais do que um “panteão de heróis” (Buttimer, 1978), mas também pode ser feito de forma mais realista, trazendo à crítica as feridas e erros da disciplina e de seus praticantes, e oferecendo uma avaliação mais desapassionada da geografia e dos geógrafos. Acima de tudo, os eventos e indivíduos têm que ser colocados em um contexto social e histórico mais amplo. A história defensiva não admite lições do passado, nenhum senso de para onde o presente está levando, e nenhum entendimento de como nós mesmos devemos ajudar para moldar o futuro.

O propósito desse artigo é iniciar um ponto de partida em direção à recuperação da história da debacle de Harvard. Existem dois objetivos imediatos. O primeiro e mais básico é fornecer uma reconstrução arquivística clara dos eventos, de modo que discrepâncias confusas e contradições na sabedoria oral possam ser resolvidas ou, pelo menos, colocadas em uma perspectiva apropriada. Cruciais entre eles estão os papéis contraditórios atribuídos a Isaiah Bowman (de fato, um dos principais no caso), que é diversamente descrito como o herói que falhou ou o vilão bem-sucedido. Para realizar essa reconstrução, será necessário nos imergirmos nos eventos e ações específicos dos indivíduos envolvidos, e isso,

por si só, faz uma história interessante. Mas, implícita ao longo de tudo, está uma preocupação mais ampla do que quem fez o que para quem. A descrição arquivística sugere que, qualquer que fosse a culpabilidade dos vários indivíduos na eliminação da geografia, a fraqueza institucional da disciplina como um todo contribuiu para o desfecho em Harvard. A geografia certamente era fraca dentro de Harvard, mas também foi enfraquecida pela ambiguidade da sua auto-concepção. O segundo objetivo, então, é o de começar a ver o caso Harvard não como um evento isolado, mas como parte de uma história mais ampla. Nós apenas podemos começar esse processo aqui e, portanto, não faremos reivindicações de fornecer uma avaliação definitiva do significado do caso Harvard. Ao invés disso, a esperança é que, através da reconstrução da história de dentro para fora, os detalhes do caso possam ser resgatados da pesada névoa de mitologia que os rodeia e se tornem alimento para histórias subsequentes da geografia americana que sejam menos defensivas. Em outras palavras, se a avaliação que se segue baseia-se desproporcionalmente nas ações de indivíduos específicos, isto não deveria ser tomado como uma perpetuação involuntária da tradição anedótica, mas como um mal inevitável. O intento é o de clarear o terreno para uma busca mais ampla, mais crítica e mais profunda sobre o valor da disciplina para a sociedade em geral – uma investigação intelectual mais do que uma reação defensiva. Essa, afinal de contas, foi a questão central provocada pelo caso Harvard. Foi publicamente verbalizada pelo presidente de Harvard em 1948 quando ele colocou em dúvida a adequação da geografia como um tema universitário. A despeito dos esforços feitos desde então, a vulnerabilidade contemporânea da disciplina sugere que uma resposta satisfatória ainda não foi encontrada.

### **Da Geologia à Geografia**

Assim como em várias outras instituições nos EUA, a geografia em Harvard emergiu do estudo da geologia. O ensino da geografia em si pode, provavelmente, ser traçado até Nathaniel Shaler, “um geólogo por profissão” mas “um geógrafo por inclinação” (Livingstone, no prelo). Em 1878, depois de dois anos como assistente com Shaler, um jovem William Morris Davis foi nomeado instrutor em geografia física. Ele foi nomeado professor de Geografia Física em 1890 e Professor de Geologia Strugis-Hooper em 1898. Ao longo desse período, ele ministrou cursos de geografia física (Bryan, 1935) e foi fundamental para

fazer de Harvard um dos principais centros de formação geográfica no final da década de 1890. Há uma longa lista de geógrafos que estudaram com Davis, dentre os quais estão incluídos, entre os mais proeminentes, A. P. Brigham, Richard Dodge, Mark Jefferson, Ellsworth Huntington, Isaiah Bowman e Robert DeCourcy Ward, que lecionou em Harvard até 1931 (Morris, 1962). Nessa etapa, a geografia era ensinada como parte da geologia, e a ênfase era muito voltada para a geomorfologia e a fisiografia. Com o firme declínio do determinismo ambiental e a emergência do lado humano do campo, um argumento mais forte poderia ser produzido para separar geologia e geografia. Com uma postura objetivando essa separação, o geógrafo francês Raoul Blanchard teve uma contratação por período parcial em 1928 (ele a manteve por oito anos) e, no mesmo ano, Derwent Whittlesey foi contratado para um posto de tempo integral em geografia humana no Departamento de Geologia e Geografia, o principal departamento dentro da Divisão de Ciências Geológicas (James, 1972, 410).

A contratação de Whittlesey também representou uma ênfase na pesquisa acadêmica. Com a morte de Shaler em 1906 e a aposentadoria de Davis seis anos depois, a expansão da geografia teve uma interrupção temporária. Posteriormente, o Harvard College reorientou o seu programa distanciando-se da pesquisa e aproximando-se do oferecimento de uma educação de graduação voltada para as artes liberais, e, por volta da I Guerra Mundial, a geografia foi concebida mais como fornecedora de necessidades cartográficas militares primordiais e de expertise do que como pesquisa científica. Em 1926, contudo, Kirk Bryan foi contratado com a intenção de fortalecer as capacidades de pesquisa do departamento em geomorfologia e oceanografia. Dois anos depois, com as contratações de Blanchard e Whittlesey, a parte humana do programa foi reforçada junto com um posterior compromisso feito por Harvard para desenvolver a geografia como um campo distinto da pesquisa científica. (2)

Ao longo das próximas duas décadas, Whittlesey esteve crescentemente à dianteira dos esforços para construir o lado geográfico do departamento. Em 1930, Harold Kemp aderiu ao departamento como um instrutor, mas Whittlesey teve que esperar até depois da II Guerra Mundial pela promessa da expansão efetiva, quando uma grande demanda para a educação geográfica foi antecipada como um resultado dos planos do pós-guerra para a reorganização econômica interna e a ampla expansão da atuação americana nas questões mundiais. Um relatório do tempo de guerra sobre a geografia em Harvard (Committee on Post-

War Plans n. d.) sustentou que houve uma escassez de geógrafos durante a guerra, e que no governo, nas organizações de pesquisa privadas e nas universidades havia, agora, uma necessidade amplamente reconhecida por geógrafos formados. O comitê recomendou que a geografia fosse expandida e constituísse um departamento separado.

Em 1947, contratações como professor assistente foram conferidas a Edward Ackermann, que obteve o seu Ph. D. em Harvard em 1939, e a Edward Ullman, que se doutorou no prestigioso departamento de Chicago em 1942. Eles eram dois dos mais brilhantes e promissores geógrafos do que parecia ser, na época, uma nova geração, e, junto com a expansão do número de postos para instrutores no imediato pós-guerra, a sua chegada a Harvard inspirou um ar de otimismo sobre o futuro da geografia. A expansão ocorreu entre 1945 e 1947, a despeito dos problemas fiscais gerais que a maioria das administrações universitárias, incluindo Harvard, tiveram que enfrentar nesse período. Whittlesey agora havia conseguido considerável autonomia para a pequena seção de geografia dentro da Divisão de Ciências Geológicas, particularmente em relação ao conteúdo do curso, ainda que várias decisões, especialmente referentes às contratações e promoções, permanecessem severamente circunscritas pelo poder da geologia. Ironicamente, foi esse sucesso – tanto um resultado de circunstâncias como dos esforços de Whittlesey e Bryan – que provocou o ataque à geografia.

### **A Crise**

“Nós parecíamos estar justo ao ponto de consolidar os lentos ganhos de 20 anos”, escreveu Whittlesey em abril de 1948. “Ter tido tudo nocauteado por baixo de nós é difícil de aceitar” (3). E foi precisamente isso que aconteceu. Em maio de 1947, o Departamento de Geologia e Geografia obteve permissão para considerar a promoção de Edward Ackerman para Professor Associado. Em um encontro em 29 de maio de 1947, o corpo docente sênior votou a favor da promoção por uma votação de sete a quatro, e a recomendação foi devidamente enviada para o reitor Paul Buck em 6 de junho por Marland Billings, professor de Geologia e chefe da Divisão de Ciências Geológicas. Billings, contudo, ficou desapontado pelo que ele via como a perda da metade de um posto em geologia, pois o posto original de Ackerman era visto como metade geologia e metade geografia, e a promoção era para Professor Associado de Geografia. Billings nunca apoiou a expansão da

geografia, especialmente se ela pudesse afetar de forma adversa a geologia, e escolheu a questão da promoção de Ackerman para o seu ataque à questão. Embora a mitologia tenha, de alguma forma, dotado ele de um registro imaculado, Marland P. Billings foi aquele que iniciou o ataque ao programa de Geografia em Harvard (4).

Um geólogo que apoiou fortemente a geografia, Kirtley Mather, liderou o argumento contrário à perda de meio posto pela Geologia; ela ganharia meio posto porque o cargo original de Ackerman poderia ser revertido para os geólogos. Mas, os apoiadores da geografia – geólogos e geógrafos de forma idêntica – foram completamente derrotados por Billings. Notando que a promoção de Ackerman poderia ser exclusivamente em geografia humana, Billings, com o apoio tácito de alguns dos outros membros sêniores da faculdade de geologia, insistiu para o Reitor que a “orientação da geografia difere tão marcadamente da geologia”, que as duas deveriam ser administrativamente separadas. Dentro da divisão, o voto para a autonomia foi unânime. Whittlesey, Bryan e Kirkley Mather possivelmente sentiram que, ao apoiarem a autonomia, estariam vencendo a causa para um emergente Departamento de Geografia. As restrições financeiras dentro da universidade estavam ficando crescentemente evidentes, e, portanto, a administração já estava olhando com um olho ansioso por potenciais cortes de gastos. Nesse contexto, Billings parece ter visto o voto como um meio tático para deixar a geografia à deriva e, então, tomar como alvo imediato a questão da sua legitimidade.

Assim, no mesmo dia em que submeteu ao Reitor Buck a recomendação da faculdade para que Ackerman fosse promovido, Billings enviou não uma, mas três cartas, duas das quais ele rotulou como “suplementares”. Na primeira dessas cartas suplementares, como o Chefe da Divisão, ele argumentou, de forma muito condescendente, que os seus colegas da geologia estavam simplesmente confusos e aprovaram a promoção pela crença enganosa de que a geologia poderia ganhar metade de uma posição. Na segunda carta suplementar, em uma capacidade puramente individual, Billings escreveu sobre as suas objeções pessoais à promoção de Ackerman. Tomando cuidado para não impugnar as habilidades de Ackerman, ele argumentou que a geologia precisava muito da meia posição que ela estava, supostamente, perdendo, que quaisquer novas promoções seriam “de mais valor na geologia do que na Geografia Humana”, e que, de qualquer maneira, ele matinha um “profundo ceticismo em relação à importância” da geografia humana. Ele concluiu com uma

sugestão não tão sutil de que Buck deveria deixar o status quo “seguir o seu curso” e deixar “certos pedidos” (a eventual saída de Whittlesey e Bryan) ditarem o caminho da geografia em Harvard. E ele se apoiou na ameaça implícita de que, caso a administração julgasse adequado promover Ackerman, “críticos de Harvard pelo país serão silenciados” (5).

Buck já estava preocupado sobre como lidar com a geografia; a questão havia emergido periodicamente ao longo de seu período como *Dean* e *Provost*<sup>2</sup>. Mas não está claro se Buck simplesmente aceitou o argumento oferecido por Billings nas suas três cartas ou usou a última delas como um pretexto para um curso de ação que ele já tinha em mente. Certamente, Billings empurrou a sua demanda pessoalmente com Buck (6). E, nessa conjuntura, Buck foi provavelmente a figura mais importante na administração concernente ao destino da geografia. Ele realizou muitas das tarefas cotidianas de Harvard enquanto o Presidente James Conant dedicava a maior parte do seu tempo a questões governamentais. Whittlesey também bombardeou Buck com cartas: ele tentou defender a promoção de Ackerman para ter um número de acadêmicos proeminentes (de dentro de Harvard assim como de fora) e escreveu para Buck em favor de Ackerman. Além do próprio Whittlesey, um número de outros de geógrafos escreveu para Buck. Ele inclui J. K. Wright, então Diretor da *American Geographical Society*, que saudou a originalidade de Ackerman, e Richard Hartshorne, superior imediato de Ackerman em seu emprego de tempo de guerra no *Office of Strategic Services*, que sugeriu que Ackerman era um dos dois geógrafos mais brilhantes da sua geração. Na sua própria carta, Whittlesey enfatizou o trabalho de Ackerman para os Chefes de Estado-Maior durante a guerra e mencionou que ele havia recebido propostas de trabalho das universidades de Chicago, Illinois, Wisconsin, UCLA e Northwestern. Entre outros que escreveram para Buck em apoio a Ackerman, estava o Tenente-Coronel Hubert G. Schenck, do Quartel Geral dos Generais Aliados, cujo reconhecimento em relação à performance de Ackerman na Seção de Recursos Naturais do Comando Supremo do Extremo Oriente no pós-guerra foi efusivo (7). Entre aqueles em Harvard que apoiaram a sua promoção, estavam um antropólogo, um economista e um guarda florestal, assim como aqueles geólogos que já estavam ao seu lado.

---

<sup>2</sup> Os cargos de *Dean* e *Provost* são cargos de comando na estrutura administrativa das universidades dos EUA, e equivalem, em muitos casos, conforme já mencionado, ao cargo de reitor nas universidades brasileiras. Como as duas palavras são traduzidas para a língua portuguesa como “reitor”, optamos aqui por reproduzir os termos originais e, assim, evitar uma redundância nesse trecho da tradução (N.T.).



O procedimento para realizar promoções permanentes, assim como aquela proposta para Ackerman, envolveu a convocação de um comitê externo, e isso Buck fez para a geografia no outono de 1947. O Comité Ad Hoc para a Geografia incluía pessoas externas, dentre as quais estavam J. K. Wright, Diretor da *American Geographical Society*, e Isaiah Bowman. No início de 1948, eles recomendaram ao Reitor e ao Presidente que Ackerman era, de fato, um dos melhores geógrafos humanos, e que ele deveria ser promovido (8). As deliberações do Comitê também envolveram Buck e Conant, o presidente de Harvard, que Bowman conhecera pessoalmente do trabalho governamental de mobilização científica durante a guerra e do trabalho de política científica durante os anos 1930. Bowman claramente sentiu que ele poderia influenciar Conant em relação ao futuro da geografia em Harvard, e, percebendo que questões mais amplas sobre a natureza e a função da geografia e a constituição de um departamento de geografia estavam em discussão, ele tomou a oportunidade para expressar a sua própria visão da disciplina. Ele fez isso tanto na sessão do comitê em Harvard quanto pessoalmente com Conant, em cuja casa ele ficou enquanto estava em Cambridge. Em seu retorno para Baltimore, Bowman colocou algumas de suas ideias por escrito e enviou a Conant e Buck uma cópia de seu *Geography in Relation to the Social Sciences* (Bowman, 1934), direcionando a atenção deles para o capítulo de conclusão, que deve ter parecido breve e apologético (9). Se Bowman tinha qualquer indicação nessa época de que a geografia estava sujeita a ser atacada pela administração, ele não fez nenhuma menção a respeito. Como tão frequentemente em sua carreira, o seu comportamento era o de uma cruzada pela geografia.

Não muito depois que o relatório recomendando fortemente a promoção de Ackerman fora submetido, rumores começaram a circular em Cambridge de que a geografia poderia ser cortada. Nos oito meses seguintes às primeiras objeções de Billings em junho de 1947, Buck (com o apoio de Conant) claramente ficou convencido de que a geografia deveria ser eliminada. Quando chegou ao final de fevereiro de 1948, a decisão foi rápida e dura; ela, aparentemente, veio como uma completa surpresa para Whittlesey e os outros que haviam esperado um apoio positivo às conclusões do Comitê Ad Hoc e a consequente construção de um departamento de geografia. Na última semana de fevereiro de 1948, Buck recusou-se a renomear Richard Logan, um instrutor que ministrava vários dos cursos básicos no departamento, e, usando isso como um pretexto, Billings excluiu o seminário de Ullman “em

vista do fato de que uma redução da Geografia está acontecendo” (10). Com Whittlesey fora da cidade nos dias seguintes (ironicamente, ele estava em Chicago para receber a Medalha Culver da *Chicago Geographical Society* por sua distinta contribuição à geografia política), Ackerman tentou reverter essa decisão, mas não teve êxito. A turma de segundo ano foi devidamente informada que poderia haver cursos insuficientes para que obtivesse uma concentração em geografia. Whittlesey deveria ser o único geógrafo remanescente; Ackerman e Ullman seriam demitidos.

Nem a administração nem a Divisão de Ciências Geológicas oficialmente aceitaram a responsabilidade pela decisão, uma comprometendo a outra. Mas foi o Reitor Buck, com o apoio de Conant, que tomou a decisão final. Foram eles os destinatários oficiais do relatório do Comitê Ad Hoc. A decisão, aparentemente, foi tomada com um olho no arrocho financeiro da universidade e outro na anatomia da geografia em Harvard. Whittlesey resumiu a posição da administração quando ele escreveu:

A decisão de abandonar a geografia em Harvard foi tomada pelo Presidente e pelo Reitor sob o fundamento de que Harvard não pode apoiar todo campo e que o suporte financeiro disponível no presente não promete manter Harvard na dianteira dos departamentos de geografia . . . . [Com o nosso pequeno grupo, nós] poderíamos ser inadequados para competir com outras grandes escolas de graduação em geografia. (11)

Dizendo menos do que sugeria, Cornelius Hurlbert, Professor de Geologia, explicou a situação dessa forma em seu anúncio à turma do segundo ano: “Harvard não pode esperar ter departamentos fortes em tudo” (“College Dooms Major”, 1948). A Ackerman e Ullman foi rapidamente dado um aviso que garantiu a extensão de sua permanência por um ano, mas isso se provaria ser apenas uma prorrogação temporária para a Geografia.

Nas semanas que se seguiram, a reação entre os geógrafos de Harvard foi, no geral, traumática. Foi um “golpe esmagador”, Whittlesey admitiu, e, ao longo do semestre de primavera, ninguém foi capaz de trabalhar efetivamente. No campus, contudo, houve uma mobilização de apoio entre os estudantes e os membros simpatizantes da faculdade, especialmente porque o próprio Conant publicou uma diretriz indicando não apenas que a geografia não poderia ser mantida em Harvard, mas também que “a geografia não é um tema

universitário” (12). Vários artigos simpáticos apareceram na *Harvard Crimson*, que chamavam a decisão de “anacrônica”, e culpavam “uma minoria dos professores da Geologia” por aleijar a Geografia (College dooms major . . .”, 1948; “Geography . . .”, 1948; “Geography loss . . .”, 1948). Um Relatório do Conselho de Estudantes também condenou a decisão, e vários professores, incluindo Kirtley Mather da geologia, vieram a público em defesa da geografia (“Council report . . .”, 1948). Protestos e cartas de preocupação de vários geógrafos proeminentes inundaram Buck e Conant, e havia um sentimento amplamente difundido de que a decisão poderia ser revertida ou, pelo menos, moderada, mas, de qualquer maneira, não deveria passar sem protesto. Nas palavras de Peter Roll, um estudante que ajudou a organizar a luta contra a eliminação da geografia, e cujo colega de quarto, convenientemente, era o editor chefe da *Crimson*: “Tudo isso é uma tremenda vergonha, mas se eu puder fazer Bowman e alguns outros abrirem as suas bocas, todo um coro pode se juntar” (13).

### **O Papel de Isaiah Bowman**

O papel de Bowman na eliminação da geografia em Harvard é um caso curioso. Oficialmente, ele estava no Comitê Ad Hoc formado para considerar a promoção de Ackerman e, durante esse período, foi eleito para o Corpo de Administradores de Harvard. E ele próprio era um presidente de universidade. Extraoficialmente, ele contava com “Jim” Conant entre os seus bons amigos na ciência americana. Junto a figuras como o físico Karl Compton e o vencedor do Prêmio Nobel Robert Millikan, Bowman e Conant estavam na linha de frente das tentativas do New Deal para mobilizar a ciência para propósitos públicos. Como chefe do *National Research Council* e diretor do menos salutar e mais breve *Science Advisory Board* de 1933 a 1935, o foco de Bowman era principalmente, mas não exclusivamente, nos usos civis da ciência. Conant, por outro lado, era um veterano da mobilização da ciência na Guerra Mundial, durante a qual ele ajudou a produzir armas químicas para o exército dos EUA, e mesmo depois da sua contratação para Harvard, em 1933, ele permaneceu um especialista ativo nos usos militares da ciência. Como um historiador da ciência escreveria posteriormente, Conant “não via diferença entre envenenar um soldado e despedaçá-lo” (Kevles, 1978, 288). Durante a II Guerra Mundial, ele conseguiu participar de um entorno

político importante ao lado de Vannevar Bush e Compton no *National Defense Research Committee* e, eventualmente, no *Office of Scientific Research and Development* (Conant, 1970). Estas eram as principais organizações governamentais independentes voltadas à coordenação e incentivo da pesquisa militar e dos projetos de desenvolvimento, incluindo o Projeto Manhattan.

Ao longo das décadas de 1930 e 1940, Bowman e Conant tiveram contato intermitente. Era, então, um relacionamento predominantemente de trabalho, mas, em direção ao final da guerra, um contato maior encorajou uma amizade mais estreita. Ambos foram convidados pelo presidente Truman para assumir papéis proeminentes na nova Comissão de Energia Atômica, em 1946, e ambos recusaram. Ambos cumpriram papéis importantes na elaboração de um programa para a pesquisa científica no pós-guerra e na luta travada em 1950 para o estabelecimento da *National Science Foundation* (Bush, 1945; England, 1982). E em 1949 ambos eram membros de um *Top Secret Defense Department Committee*, denominado “The Fishing Trip”, que era encarregado de determinar se e em qual extensão a informação sobre a pesquisa de armas (a bomba atômica, armas de guerra biológica, química e radiológica) deveria ser revelada para o público. Outros membros do “The Fishing Trip” incluíam Dwight D. Eisenhower e John Foster Dulles (14). Em suma, Bowman e Conant estiveram muito juntos. Por causa da sua amizade, por causa da sua posição como um dos mais proeminentes geógrafos no país, e porque ele havia sido, por mais de duas décadas, uma figura respeitada por seu próprio mérito, Bowman estava bem colocado para cumprir um papel crucial no caso Harvard. Ele era o foco natural ao redor do qual um protesto bem sucedido poderia ser organizado. Mas, em março de 1948 teria sido difícil para qualquer um prever o curso que Bowman estava claramente por seguir.

Publicamente, a decisão sobre a geografia em Harvard envolveu três questões. Primeiro, havia problemas fiscais que Harvard compartilhava com outras universidades no período do imediato pós-guerra; a situação financeira adversa era amplamente reconhecida como tendo contribuído para a decisão, mas, de fato, era pouco discutida. Foi um importante pano de fundo para os eventos, mas dificilmente uma causa básica. Segundo, havia a questão da efetividade da geografia em Harvard. Em terceiro estava a questão de se a geografia em geral deveria mesmo ser uma disciplina universitária. Como outros que vieram em defesa da Geografia de Harvard, Bowman concentrou-se na segunda e na terceira questões; a geografia

em Harvard era uma coisa, a geografia em geral era uma questão muito diferente. De fato, ele, privadamente, condenou a geografia em Harvard enquanto apoiava a geografia como uma disciplina universitária vital. Ao menos em termos de geografia, esse foi, como nós veremos, um erro político ingênuo da parte de Bowman. E a sua defesa da geografia como uma disciplina universitária era tão fraca que agravou mais do que neutralizou a sua crítica da geografia em Harvard.

A visão de Bowman do programa de geografia de Harvard era intensamente pessoal. Estava focada em duas personalidades. Alexander Hamilton Rice e Derwent Whittlesey. O primeiro ele via, talvez não despropositadamente, como um charlatão; em relação ao segundo, ele nunca poderia se ajustar, parcialmente por causa da alegada homossexualidade de Whittlesey. Bowman tinha o hábito de depositar memorandos sobre vários temas em seus arquivos – em parte para seu próprio uso, em parte para o uso daqueles historiadores que, ele pensava, poderiam naturalmente pesquisar os seus papéis posteriormente –, e um desses memorandos oferece os primeiros episódios da saga de Rice (15). Rice era um explorador que havia sido eleito para o Conselho da *American Geographical Society* (AGS) logo depois que Bowman foi nomeado Diretor em 1915. Ele também foi premiado com uma medalha da AGS. A esposa de Rice, anteriormente Eleanor Elkins, era uma figura da alta sociedade que, em 1915, doara a Widener Library a Harvard em memória de sua filha que havia morrido com seu marido no Titanic. De acordo com Bowman, ela foi responsável por promover Rice, o seu segundo marido, de forma bastante indelicada, não apenas para a medalha da Sociedade, mas também como um candidato à Presidência da AGS; os Rices ofereceram um milhão de dólares ou mais à AGS durante os anos financeiramente apertados do início da Depressão, mas o fizeram na condição da eleição de Rice e da derrubada de Bowman. Quando a oferta foi secamente recusada pelo Conselho da AGS, os Rices direcionaram a sua atenção a Harvard e concordaram com o Presidente Lowell em criar, equipar e manter o Instituto de Exploração Geográfica com Alexander Hamilton Rice como seu professor (16). Bowman e outros, evidentemente, sentiram que Rice havia meramente comprado um cargo de professor em Harvard, e desde o princípio do Instituto, em 1931, Whittlesey, Bryan e outros na Divisão de Ciências Geológicas minimizaram seu contato com Rice e tentaram imprimir sobre a administração a sua dissociação do Instituto. Rice, é

claro, estava tentando se mover na direção oposta, e um comitê da Divisão chegou, inclusive, a recomendar a integração do Instituto dentro de um departamento de geografia separado (Committee on Post-War Plans n. d., 5). A razão para essa recomendação é pouco clara, mas ela bem poderia ser uma tentativa anterior de alguns dos geólogos para fornecer à geografia corda suficiente para que ela enforcasse a si mesma.

Embora poucos dos detalhes estejam agora disponíveis, existe pouca dúvida de que Rice era uma presença problemática em Harvard. O Instituto não era respeitado, nem dentro de Harvard nem fora, e as relações eram difíceis entre o Instituto e a Divisão de Ciências Geológicas. Certamente, Bowman acreditava que o “aspecto Hamilton Rice” havia “dado a Conant uma grande quantidade de problemas e lidar com um homem como Rice deve ter dado a ele uma opinião muito desfavorável da profissão” (17). Da mesma forma, um observador de Harvard concluiu em retrospecto que o Instituto era “menos do que vantajoso” na medida em que “representava o crescimento em uma direção que acrescentava pouco à erudição e à pesquisa em geografia” (Morris, 1962, 243).

Se Rice era uma nítida dificuldade e impactava a visão que a administração tinha da disciplina, Bowman sentiu que isso era lamentável, mas que dificilmente a culpa poderia ser colocada no *staff* da geografia. Sobre Whittlesey, ele se sentia de outra forma. Em 1930, dois anos depois de Whittlesey ser contratado, Harold Kemp foi nomeado Instrutor em geografia. Whittlesey e Kemp compartilhavam um apartamento em Cambridge, e, provavelmente, não é demais dizer que, com a sua inclinação moral e religiosa puritana (Martin, 1980, 2), Bowman ficou revoltado pelo relacionamento deles (18). Kemp era um alvo fácil. Mesmo pelo depoimento implícito de Whittlesey, ele era um acadêmico medíocre que sobreviveu em Harvard em parte por causa de seu relacionamento com Whittlesey. Quando, em 1937, Whittlesey pediu a Bowman para apoiar a recontração de Kemp, Bowman barrou ele, questionando as publicações de Kemp, que eram poucas. Ele claramente se sentiu desconfortável, e parece que Kemp conseguiu a recontração sem o apoio de Bowman. Ele prometeu escrever se ele fosse contactado pela administração: “Eu quero fazer tudo que eu posso para ajudar o seu Departamento”, escreveu Bowman em 1937 (19).

Embora Kemp não estivesse mais ensinando geografia em Harvard em 1948, a percepção de Bowman de Whittlesey não foi, no entanto, alterada. A sua primeira resposta ao ouvir as notícias do fim da geografia em Harvard foi de desprezo distanciado: “O fato

essencial”, ele escreveu para J. K. Wright, “é que Whittlesey não conseguiu o respeito para o seu tema e, do que nós escutamos em Cambridge no último outono, eu penso que ele não ajudou em nada ao insistir em sua associação com Kemp”. Pouco depois, quando um lacônico Kirk Bryan concluiu que Conant “não gostava de nenhum de nós de qualquer maneira”, Bowman repetiu o lamento para Wright, comentando que isso “difícilmente poderia ser uma questão de modos à mesa. Conant tem uma mente afiada”, Bowman continuou, “e eles não poderiam fazê-lo ver nada na geografia” (20). O ponto aqui não é tanto que um antagonismo pessoal existiu entre Bowman e Whittlesey ou que Bowman estava simplesmente errado; antagonismos pessoais são um fato da vida, e a manutenção por Whittlesey de um fraco Kemp no vulnerável programa de geografia foi um erro. O mais importante é que a resposta de Bowman à eliminação da geografia em Harvard foi tão obscurecida por seus sentimentos pessoais, que ele não apenas culpou o próprio Whittlesey pela situação, mas também se recusou a “abrir sua boca” em defesa da geografia em Harvard.

A antipatia de Bowman por Whittlesey era de longa data. Em 1921, tendo o seu trabalho como de “primeira classe”, Bowman procurou ter o recentemente graduado Whittlesey para adaptar o seu *The New World* como um manual escolar elementar, tal como pedido pelo editor. Whittlesey, evidentemente, tinha outros planos, e as aprovações de Bowman se tornaram claramente mais frias. Dois anos depois, Whittlesey assumiu a editoria dos *Annals*, e Bowman mandou a ele uma brusca carta sobre a sua política editorial, e a correspondência que se seguiu ditou o padrão para o restante de seu relacionamento. Bowman tornou-se, simultaneamente, insistente e condescendente, enquanto Whittlesey estava determinado a não levar ele tão a sério. Em uma data posterior, Bowman reclamaria a Raye Platt e Gladys Wrigley na AGS sobre a “ignorância” de Whittlesey e o calibre “superficial e infantil” da sua erudição. Whittlesey, por sua vez, suspeitava de Bowman; em 1943, quando ambos estavam trabalhando para o Departamento de Guerra, Whittlesey temeu que Bowman poderia tentar monopolizar todo o crédito pelo seu trabalho (21).

Uma antipatia intelectual estava estreitamente misturada com a reação pessoal de Bowman a Whittlesey. Talvez a crença mais forte de Bowman sobre a geografia foi a de que ela representaria uma síntese de elementos físicos e humanos. Ao longo de sua vida, e certamente muito depois que ele abdicou da pesquisa ativa para ocupar posições administrativas, Bowman era um ardente advogado da geografia física como a fundação vital

da disciplina. Enquanto evitava uma pecha para o determinismo ambiental, Bowman nunca abandonou o paradigma davisiano no qual foi formado. Supervisionando John Orchard na direção do novo departamento de Columbia, ele repetiu o seu lamento comum de que o departamento de Chicago cometeu “um sério engano ao omitir a fisiografia”. A geografia humana, divorciada da geografia física, não tinha fundamento para se sustentar, “sem corpo estabelecido de princípios”, sem base científica, e, por sua vez, tendia a “roubar o melhor das outras ciências”. Whittlesey, é claro, era um produto anterior da Universidade de Chicago, um geógrafo humano com formação em história mais do que em fisiografia, e fortemente influenciado pela perspectiva social da escola francesa. Diferentemente de Bowman, ele acreditava que poderia, de fato, haver um conjunto estabelecido de princípios intelectuais que fornecesse uma fundação social para a geografia humana, e muito do seu trabalho em geografia política, histórica e regional compreendia uma busca por aqueles processos evolucionários e outros processos a partir dos quais tal fundação deveria ser construída. Bowman tinha pouco respeito por essa visão da geografia; em referência direta ao caso Harvard, ele afirmou que a geografia humana não poderia nunca ser nada mais do que “descritiva, fragmentária e ‘fácil’. ‘Earth and State’ de Whittlesey tem muito material bom, bons pontos, mas, como um todo, é uma bagunça” (22). Isso representava uma convicção profundamente sustentada, e, enquanto servia para acusar Whittlesey em termos intelectuais, a insistência de Bowman em uma síntese do físico e do humano era de um significado político mais amplo no caso Harvard, e nós retornaremos a ele abaixo.

O papel de Bowman na questão de Harvard foi tema de considerável especulação, mas, ao menos em uma ocasião, ele disse livremente que “tinha sido decisivo na decisão de terminar com a geografia em Harvard”. Em junho de 1948, Bowman viajou de navio para a Grã-Bretanha, onde ele receberia um doutorado honorário em ciência da Universidade de Oxford e ofereceria um discurso à *Royal Geographical Society* (RGS) para receber a Patron’s Medal. A bordo do Queen Mary ele, por acaso, encontrou Jean Gottmann. Bowman havia trazido pessoalmente Gottmann para a Johns Hopkins em 1943, assim que ele começou a construir um departamento de geografia lá, mas, cinco anos depois, apenas algumas semanas antes de ambos terem embarcado no Queen Mary, ele demitiu Gottmann, aparentemente, a pedido de George Carter. Chefe do jovem departamento, Carter sentiu que Gottmann não passava tempo suficiente em Baltimore no campus da Hopkins, e Bowman



concordou em demiti-lo. No Queen Mary, contudo, Bowman estava amigável e, talvez, sozinho, e ele, de fato, convenceu um relutante Gottmann a visitá-lo em sua cabine de luxo no deck solar. “O tema, naturalmente, se aproximou do departamento de Harvard” e Gottmann comentou “que baque terrível isso foi para a geografia americana”. Bowman não apenas admitiu o que ele via como o seu próprio papel na decisão, mas foi adiante e fez “acusações de ‘vício, nepotismo e pederastia’”, insistindo também que o trabalho intelectual deles era questionável. “Seus Ph.D.’s eram sem valor”, ele disse, e “seu programa era um jardim de infância intelectual”. ‘Jardim de Infância’, essa foi a palavra que ele usou”. Bowman sentiu que o departamento era uma “má publicidade para a geografia”, e que eles eram “um bando de homens ruins”, mas insistiu para Gottmann no Queen Mary que ele havia incluído em seu discurso à RGS um parágrafo que convenceria Conant e todos os outros duvidosos dos méritos gerais da geografia, quaisquer que fossem os problemas em Harvard (23).

A evidência arquivística sustenta essa visão do envolvimento de Bowman. Quando escutou as notícias de J. K. Wright, Bowman aconselhou ele de que nenhuma ação deveria ser tomada e que, especificamente, a ideia de Gilbert White, de uma carta de protesto conjunta de geógrafos proeminentes era inapropriada, dado o “pano de fundo” concernente a Whittlesey. Nas semanas seguintes, um número de geógrafos e outros apelaram para Bowman interceder e colocar a sua posição e influência por trás de uma defesa da geografia de Harvard. Ao mesmo tempo em que ele declinou desses apelos, ele enviou uma carta atípica para o *Dean* Buck, que era, agora, Reitor de Harvard. Em um tom simultaneamente aquiescente e arrogante, ele escreveu: “De tempos em tempos eu tenho recebido carta de um e de outro a respeito do efeito de Harvard ter desistido da geografia e de por que eu não faço nada a respeito. Deixe-me dizer que, a minha resposta geral é que aquilo com que eu proponho me importar, é da minha própria conta”. Em outubro do mesmo ano, pouco mais de seis meses depois da decisão de terminar com a geografia, Bowman compareceu em seu primeiro encontro do Corpo de Administradores, e a questão do que fazer com a geografia – ainda não resolvida depois de muitos apelos – estava na agenda. Bowman deliberadamente permaneceu em silêncio. Dois dias depois, Bowman teve a chance de conversar informalmente com Conant, e quando o tema veio à tona, a seguinte troca teve lugar, de acordo com o próprio memorando de Bowman:

Bowman: “Mas você deve ter notado que eu estava em silêncio, e perguntado a razão”

Conant: “Eu devo ser grato até a morte por aquele silêncio. Eu penso que foi uma notável peça de autocontrole, e eu nunca a esquecerei”. (24)

Bowman deveria comparecer a outro encontro do Corpo de Administradores em maio de 1949, e, nessa época, os geógrafos em Harvard já haviam se reagrupado de alguma forma. Edward Ullman, especialmente, tentou organizar uma defesa e uma reafirmação da geografia, e ele escreveu a Bowman pedindo que ele participasse como um palestrante convidado na Conferência Geológica da Nova Inglaterra, que acabou sendo realizada justo antes do encontro do Corpo de Administradores. O convite, Ullman disse com franqueza, “era uma oportunidade de fazer algo em relação a ressuscitar a geografia em Harvard”, pois a conferência poderia atrair uma ampla atenção acadêmica assim como midiática. De novo, Bowman recusou, citando uma agenda cheia, mas ele foi adiante para acrescentar que ele acreditava que “o futuro da geografia em Harvard estará seguro quando outra rodada de discussões acontecer”. Posteriormente, ele usou o seu cargo no Corpo de Administradores como uma desculpa para não fazer uma declaração pública e concluiu dizendo: “Eu acho que as coisas podem ser resolvidas mais silenciosamente” (25).

Claramente, contudo, Bowman estava fazendo pouco para que as coisas se resolvessem, silenciosamente ou de outra forma. Ele não “abriu sua boca”, como se esperava, mas tentou frear o coro de protesto ao invés de guiá-lo. A cada momento ele recusou-se a agir e a encorajar fortemente outros a fazer da mesma forma. Em vista disso, isso é difícil de ser reconciliado com muito da sua trajetória passada; construir a geografia era uma das suas ambições primordiais e mais vigorosamente perseguidas. Anteriormente e em qualquer lugar, ele era muito menos inibido em sua cruzada pela disciplina. Ele era um impulsionador da geografia no Departamento de Estado e na Casa Branca, assim como na Universidade Johns Hopkins e na *National Academy of Arts and Sciences*. De posições de muito menos poder e com muito menos com que trabalhar, ele, frequentemente, empurrou a geografia para as

pessoas e manobrou-a através de portas burocráticas. A abstenção de Bowman na luta de Harvard foi devastadora.

Ainda assim, Bowman não se absteve completamente, e seus comentários para Ullman e Gottmann começam a nos dar um senso do que ele pensou que estava fazendo. Para Gottmann, ele alegou ter sido decisivo na decisão inicial; para Ullman, quase um ano depois, ele parecia acreditar que, se as coisas pudessem ser resolvidas silenciosamente, a geografia poderia ter um futuro seguro em Harvard. Dificilmente esses são os comentários de um homem que simplesmente se absteve; e dada a astúcia política pela qual a carreira de Bowman foi construída, eles dificilmente poderiam ser desconsiderados como as racionalizações orgulhosas de um homem buscando disfarçar a sua própria irrelevância. Bowman sentiu que ele próprio era uma força decisiva. Seu dilema essencial é melhor revelado em sua resposta às notícias de que Conant havia não apenas eliminado a geografia em Harvard, mas também impugnado a própria existência da disciplina. De um lado, ele estava claramente surpreso, e entendeu que isso pegaria “nas raízes” da pesquisa geográfica acadêmica expandida. Para Wright, seu confidente, ele replicou, “Eu não sei como Conant pôde dizer que esse não é um tema universitário de estudo enquanto, ao mesmo tempo, protege a Escola de Administração e Negócios de Harvard”. Não que isso estremecesse a sua lealdade a Conant ou o forçasse a reconsiderar a sua opinião de Whittlesey ou a sua própria estratégia. De fato, em palavras implicando a sua própria culpabilidade, ele escreveu na mesma carta para Wright: “Eu posso ver que eu tenho mais um trabalho a fazer, que é tentar uma defesa da geografia como um tema universitário e ver que ela está espalhada amplamente pelo país como uma compensação à ação em Harvard, pois a liderança de Harvard na educação está tão bem estabelecida em muitas outras linhas” (26).

A explicação mais plausível para a completa separação de Bowman da situação da Geografia em Harvard em relação à Geografia em geral, e de seu desejo de ejetar a primeira enquanto impulsionava a segunda, envolve o seu relacionamento com Conant. Ao longo do caso, Bowman abordou Conant como se a sua influência sobre ele pudesse ser suprema. Conant, não obstante, em seu depoimento ao Congresso em 1945 defendendo o estabelecimento de uma *National Science Foundation*, listou a geografia como uma das ciências que deveria ser coberta por qualquer nova legislação, e isso foi, quase que certamente, um produto da influência de Bowman (U. S. Congress, 1945, 980). Se exagerou a

sua própria influência, Bowman pode, ao menos, ser desculpado por considerar Conant simpático quando eles apresentaram as deliberações do final de 1947 e início de 1948. Pelo seu papel no Comitê Ad Hoc, parece que Bowman estava preparado para apoiar a formação e expansão de um departamento de geografia em Harvard, contanto que fosse incontroverso. Mas, assim que isso se tornou uma questão pública e as várias personalidades vieram a escrutínio, ele recuou. Ele claramente passou a sentir que poderia perdoar e mesmo apoiar a amputação da geografia em Harvard como uma “má publicidade para a disciplina”, enquanto promovia, e mesmo fortalecia, a geografia como um todo. E então, Bowman propôs nada sutilmente a Conant que ele considerasse o seu modelo de Hopkins, no qual “nós pudemos realizar um começo livre de funcionários herdados” (27).

O ponto de apoio no qual essa contorção política poderia residir foi a influência de Bowman sobre Conant, mas o próprio Conant era um homem ambicioso cuja lealdade poderia suportar apenas até certo ponto tanta pressão da ambição dos outros. A tentativa de Bowman de defender a geografia como uma disciplina universitária deu completamente errado; Conant provou muito bem que era “um homem preocupado consigo mesmo”, e o fulcro da estratégia política de Bowman colapsou. Se ele alguma vez começou a entender o que aconteceu, foi mais de um ano depois da decisão e apenas a poucos meses antes de morrer, quando ele admitiu a Ullman que talvez a geografia poderia e deveria ser resgatada em Harvard, ainda que por meios mais silenciosos.

Talvez exista mais uma dimensão pessoal para a abstenção de Bowman. Martin (1980, 13-14) sugeriu que, durante os seus anos de graduação em Harvard, Bowman se sentia um *outsider* intimidado pela riqueza e pelo elitismo que permeavam o Harvard Yard. É possível que, a despeito de sua carreira próspera e sua graduação de elite, Bowman nunca tenha abandonado de fato o seu senso de intimidação por Harvard. Isso poderia, certamente, ajudar a explicar a insinuação de subserviência em sua atípica nota para Buck informando ao último que ele desejava cuidar da sua própria vida. Isso pode também ter acentuado o conflito que Bowman pode ter sentido entre o seu papel no comitê externo, onde ele era, essencialmente, um advogado da geografia em Harvard, e seu papel no Corpo de Administradores, onde era esperado dele que aprovasse as decisões e políticas implementadas pela administração.

A insustentabilidade da defesa de Bowman da geografia como uma disciplina universitária ilumina não apenas os seus pontos fracos pessoais e os seus julgamentos políticos equivocados, mas, mais importante, aponta para questões substantivas referentes ao futuro e à substância da geografia. Em particular, ela ilumina uma série de armadilhas intelectuais que explodiram na cara de Bowman, mas que ainda sujam as paisagens administrativas e intelectuais com as quais os geógrafos são forçados a negociar hoje. Nós examinaremos essas questões na próxima sessão.

### **A Geografia como uma Disciplina Universitária**

A primeira defesa de Bowman da geografia como um todo, seguindo-se à decisão de Harvard, veio em seu discurso para a *Royal Geographical Society*, em junho de 1948. Foi o texto desse discurso que Bowman leu para Gottmann no deck solar do Queen Mary. Em uma inconfundível referência a Harvard, Bowman introduziu o tema da noite para a sua distinta audiência britânica com a seguinte afirmação:

A geografia hoje, com poucas exceções, está incluída também no currículo universitário americano. Eu considero as exceções como desimportantes, porque elas parecem residir na inaceitabilidade de pessoas que representam a geografia mais do que na importância do tema como uma disciplina com princípios estabelecidos e significativos. (28)

Certamente, era *wishful thinking* dizer que o fim da geografia de Harvard era desimportante, quaisquer que fossem as razões supostas. Mais extraordinário, é que um homem da habilidade política e da experiência de Bowman poderia ter se iludido em acreditar que tal pretensão, junto com a pomposa polêmica da Guerra Fria na qual estava embutida, convenceria Conant ou qualquer pessoa do potencial e da necessidade da geografia. Se Bowman veio a se dar conta que tal expectativa era irrealista, e mesmo patética, não está claro. Mas, quando ele, eventualmente, se deu conta, a sua defesa intelectual mais reforçou do que contrapôs seu ataque à geografia de Harvard.

No seu primeiro envolvimento no caso Harvard, Bowman estava inflexível de que um Departamento de Geografia Humana não deveria ser estabelecido, mas sim um

Departamento de Geografia. Essa questão particular surgiu porque o que parecia separar Whittlesey, Ackerman e Ullman dos geólogos era o seu foco no lado humano mais do que no físico da geografia. Como nós vimos em relação a Whittlesey, Bowman objetou vigorosamente essa separação; depois de seu primeiro encontro em Harvard em 1947, e na carta que acompanhava a cópia do seu *Geography in Relation to the Social Sciences*, ele escreveu a Conant:

Eu não poderia favorecer o estabelecimento de um Departamento de 'Geografia Humana'. Os departamentos que reduziram ou eliminaram o trabalho sistemático em fisiografia têm sofrido muito. O produto dos seus Ph. D's é, na maior parte, nem bem fundamentado nos princípios físicos que subjazem os fenômenos da fisiografia e da climatologia, nem sistematicamente treinado nos princípios da economia e da ciência política, deixe-nos dizer. Eles parecem a mim estar suspensos entre a Terra e o céu e não oferecem nem boa disciplina nem, particularmente, conhecimento útil. O que é preciso, na minha opinião, é um Departamento de Geografia (29).

Bowman acreditava que uma geografia humana separada poderia, dificilmente, ser mais do que “descritiva, fragmentária e ‘fácil’”, e impugnou diretamente o trabalho de Whittlesey a esse respeito. “É a geografia sistemática que está faltando em toda a geração mais jovem de geógrafos”, ele insistiu. “Com isso eu quero dizer para incluir, ao menos, os aspectos elementares daquelas ciências que contribuem para o material do geógrafo”. A tarefa do geógrafo é difícil. “Ele tem que manusear física, química, biologia, meteorologia, climatologia e geologia. Por que não?” (30).

Tal reivindicação expansiva deve ter sido difícil de ser levada a sério por Conant. Enquanto busca, sinceramente, localizar a geografia entre as “ciências duras”, essa visão da disciplina faz pouco ou nada para delinear o terreno claro da geografia. A única coerência que Bowman carrega é a função integrativa e sintética reivindicada para a geografia, e, de fato, ao longo do caso Harvard, ele poderia reivindicar que a geografia não seria apenas uma síntese, mas a progenitora acadêmica da “hidrologia, oceanografia, meteorologia, geologia. O geógrafo, em face dessa incessante fragmentação de campos de

conhecimento especializado, é o sintetizador profissional” (Bowman, 1949, 8). Essas reivindicações devem ter parecido para o Conant químico tão insustentáveis, e mesmo pretensiosas, que a mensagem que ficou do depoimento de Bowman foi, indubitavelmente, o seu ataque à geografia humana; ele o repetiu muitas vezes. “O problema com os geógrafos modernos”, ele escreveu a Gladys Wrigley, “é que eles são geógrafos ‘humanos’, e não há corpo de princípios científicos no caráter, em razoável acordo na profissão, que dê à geografia humana por si mesma um lugar demonstrado no currículo” (31).

Mesmo nos estágios mais tardios do caso, quando, possivelmente, Bowman tornou-se, de alguma forma, mais consciente da seriedade da ação de Harvard, ele manteve seu ataque à geografia humana e sua defesa do geógrafo como o “sintetizador profissional”. Um comitê formado em 1949 para reconsiderar a situação da geografia em Harvard não estava interessado pela posição de Bowman. A Frederick Merk, um professor de história de Harvard, foi delegada a tarefa de avaliar *Geography in Relation to the Social Sciences* para o comitê, e ele relatou que o livro não era, como um todo, o que o seu título sugeria, nem aquilo que era esperado pelos seus patrocinadores (uma Comissão da *American Historical Association*). Ele não encaixava a geografia nas ciências sociais. “É uma avaliação da geografia meio filosófica, meio discursiva”, Merk observou, qualificando-o como “difícil de seguir . . . divagante e difuso e desarticulado”. Bowman reivindicou muito para a geografia, Merk concluiu (32). Em um encontro posterior, Bowman apresentou o seu artigo sobre “A Geografia como uma Disciplina Universitária”, que era, na melhor das hipóteses, desconexo, oferecendo afirmações defensivas da importância da geografia e ilustrações obtusas e discordantes do que a geografia deveria ser, mas sem fornecer nenhum dos “princípios científicos estabelecidos e significativos” a respeito dos quais ele, anteriormente, havia sido tão efusivo (Bowman, 1949). Suas afirmações soaram a muitos no comitê como apenas retórica com pouca substância.

As contribuições mais importantes de Bowman para a disciplina, ele próprio um graduado em Harvard, onde trabalhou com William Morris Davis, foram tratados físicos. Proeminente, talvez, foi a sua *Forest Physiography*, que, junto com a monografia do *U.S. Geological Survey* sobre “Métodos de Perfuração de Poços”, foi, provavelmente, seu trabalho mais duradouro (Bowman, 1911a, 1911b). Ao longo de sua vida, Bowman nunca questionou a primazia metodológica do lado físico da disciplina. Ele também era um advogado das

ciências naturais acima das ciências sociais, a despeito do fato de que a sua própria carreira o havia envolvido crescentemente em questões políticas e nas aplicações sociais da ciência. De fato, na luta do New Deal em relação à ciência, Bowman ficou ao lado dos cientistas naturais acima dos cientistas sociais; os últimos forneceram o painel de especialistas fundamental nos primeiros anos de Roosevelt, e essa foi uma das principais razões para a ambivalência de Bowman em relação ao New Deal.

Se a ênfase sobre o físico é característica, a obstinação com a qual ele a expressou não é. Bowman parecia não ter antecipado toda a armadilha pela qual caminhou: ao castigar a geografia humana como meramente descritiva e não-científica – uma questão sobre a qual havia, certamente, debate dentro da disciplina – deu a Conant e outros munção para declarar que a geografia não era um tema universitário. É possível entender esse doloroso erro político apenas no contexto do período.

A morte de Roosevelt, o fim da guerra, e o endurecimento das linhas militares e políticas, especialmente na Europa, conduziram à Guerra Fria. Por volta de 1947, a CIO começou seu expurgo interno de socialistas e comunistas; o depoimento de Louis Budenz espalhou as chamadas de um nacionalismo mais amplo e de um ódio antissoviético nos EUA; e, em agosto de 1949, o caso Alger Hiss invadiu espetacularmente as primeiras páginas de cada jornal no mundo. Joseph McCarthy começou a sua ascensão em 1950. Longe de serem torres de marfim, os câmpus universitários encontravam-se enredados nessas questões (Schrecker, 1986), e, de fato, a própria novata *School of Geography* de Bowman poderia se tornar uma das mais proeminentes baixas no despertar das acusações de McCarthy, tanto que, Owen Lattimore, da Johns Hopkins, um amigo pessoal íntimo de Bowman, era visto no Departamento de Estado como o “espião soviético” (Harvey, 1983; Newman, 1983).

A homofobia também cumpriu um papel nessa histeria direitista. A homossexualidade era considerada tão antiamericana quanto o comunismo e, de fato, a administração Truman tinha uma política de barrar ou de demitir suspeitos de serem gays ou gays conhecidos de posições sensíveis sob o fundamento de que eles seriam riscos à segurança. Se Bowman compartilhava essa visão que ligava homossexualidade e comunismo, a sua homofobia e o seu anticomunismo encontraram alvos separados no caso Harvard. A primeira foi direcionada diretamente a Whittlesey, enquanto que o último foi direcionado às ciências sociais e à geografia humana. Como muitos conservadores na época, Bowman via as



ciências sociais como um domínio de radicais de esquerda; a ciência social era vista como uma carapuça para a atividade política. Bowman, em 1947, embarcou na sua própria campanha para alertar o público americano dos ameaçadores “males” do comunismo soviético e, em uma série de contextos, ele endossou a suspeição conservadora das ciências sociais. As suas observações sobre as ciências sociais foram mais explícitas nas audiências congressuais para o estabelecimento de uma *National Science Foundation*.

Em uma intensa luta política, cobrindo os anos de 1945 a 1948, Bowman liderou um grande número de cientistas – conhecido como o Comitê Bowman (do qual Conant era um membro) – contra vários aspectos-chave da legislação proposta para a NSF. Uma das suas preocupações era a inclusão das ciências sociais sob os auspícios da NSF. Oficialmente, Bowman sustentou que as ciências sociais deveriam ser atendidas sob uma legislação separada. O estudo dos fenômenos sociais envolvia “tanto de preconceito humano . . . e filosofia social”, ele disse ao comitê congressional, que “a mais ampla divergência de opinião” existe em relação ao que é e não é verdade científica nesses campos (Lomask, n. d., 205). Mais incisivamente, ele escreveu para o astrônomo de Harvard Harlow Shapley, um daqueles que ele considerava um radical duvidoso:

Pessoalmente, eu acredito que uma luta pela inclusão das ciências sociais irá colocar em perigo, se não, destruir toda a coisa . . . Se há necessidade igual para o financiamento federal da pesquisa nas ciências sociais (e eu poderia defender isso, se elas fossem restringidas à *pesquisa* e não artificializadas como um esporte político e propagandístico) então deixe que um comitê e uma verba separados sejam fornecidos.

O perigo surge quando uma questão altamente controversa é colocada como uma necessidade geralmente reconhecida que não precisa ser controversa (33).

Nas deliberações sobre a geografia de Harvard, Bowman expressou sentimentos similares em seu testemunho amplamente distribuído sobre “A Geografia como uma Disciplina Universitária” (Bowman, 1949). Apresentado ao comitê de 1949 que reexaminou a questão da geografia, esse documento foi um embaraço para Ullman. Bowman não apenas endossou a visão da ciência social – e, por implicação, uma geografia humana separada – como um santuário para socialistas; ele estava determinado a impedir qualquer

desenvolvimento do tipo. Ullman sentiu-se obrigado a escrever para a pessoa que chefiava o comitê desculpando-se pela conclusão de Bowman de que a “geografia é ... o mais importante baluarte para o comunismo e a brutalidade no mundo . . . Apenas porque esse artigo é vago”, Ullman continuou, “não significa que Bowman é estúpido” (34).

À parte das considerações pessoais, a abordagem de Bowman para a questão da geografia em Harvard foi dominada por um crescente preconceito fora de moda contra uma emergente geografia humana. Seu ataque à geografia humana não era nem velado nem sutil, e isso veio de um homem cuja carreira política ensinara bem que o silêncio poderia falar mais alto que as palavras. Precisamente essa percepção, afinal de contas, foi a essência de sua reação a Harvard. O silêncio de Bowman condenou a geografia de Harvard; as suas palavras forneceram os pregos para a cova.

### **Avaliação**

A sabedoria oral sobre o caso Harvard é dominada pela discussão de personalidades. Ainda que isso possa render boa fofoca e fornecer algumas racionalizações confortáveis, quatro décadas após o acontecimento, é uma história duvidosa. Primeiro, Alexander Hamilton Rice talvez tenha promovido uma má impressão em Harvard e em todo lugar, mas ele foi mais um incômodo do que o vilão do caso. Da mesma forma, Whittlesey talvez tenha feito um “convite ao desrespeito” no campus de Harvard dos anos 1930 e 1940, e nós não gostaríamos de subestimar a profundidade da discriminação contra os gays, mas isso também não pode ser visto sozinho como decisivo. Provavelmente, o mais reverenciado economista nos EUA nesse período era o britânico John Maynard Keynes, ele próprio gay. A fraqueza política de Whittlesey como um defensor da geografia era, de fato, muito mais importante do que a sua orientação sexual. Ele não foi agressivo para fazer aliados, seja na administração ou entre outros membros proeminentes da faculdade, aparentemente contentando-se com submissões de artigos mais do que com lobby pessoal. E, quando a decisão fatídica veio, ele parecia completamente incapacitado; ao invés de lutar contra a decisão, ele parecia resignar-se a ela, tornando-se profundamente desanimado. Foi deixado ao mais jovem e mais agressivo Ullman que coordenasse uma resposta (Glick, 1982). Seria igualmente limitado concentrar toda a culpa em Billings ou explicar todo o episódio como o

resultado da construção de um império por geólogos avaros. Billings era certamente um catalisador e a construção de um império acadêmico era, indubitavelmente, a sua razão, mas, no essencial, ele foi responsável por tirar vantagem de uma vulnerabilidade existente.

E, embora tenham sido eles que finalmente tomaram a decisão administrativa, Buck e Conant dificilmente podem carregar toda a culpa. Eles certamente permaneceram não informados ou não convencidos sobre os méritos e o potencial da geografia, mas isso não era inteiramente culpa deles. Não foi apenas Whittlesey ou mesmo Rice, mas Bowman também, a estrela intelectual de ocasião e testemunha de defesa, que falhou em conseguir o respeito para a disciplina e foi incapaz de fazer Conant ou Buck “verem qualquer coisa na geografia”. De fato, Kirk Bryan tem, provavelmente, a mais sucinta avaliação sobre as causas reais: “Conant pensa que é o capitão de um navio afundando [financeiramente] e ele está preparado para ejetar qualquer coisa. A geografia foi a primeira boa oportunidade” (35).

Finalmente, há Bowman. Bowman pode ter superestimado a sua própria participação quando ele alegou ser decisivo, mas essa não é uma avaliação completamente errada. Ele escolheu o silêncio quando a sua voz poderia ter levado a um coro bem sucedido. Ele certamente contribuiu substancialmente para o fim da geografia em Harvard. À luz dessa história reconstruída, pode-se simpatizar com Whittlesey, Ackerman e Ullman por sentirem um senso de abandono nas mãos de Bowman. Ainda que seja culpável, tanto deliberadamente quanto como um resultado de um sério erro de julgamento político, Bowman não deveria ser transformado em um bode expiatório. Havia muito sobre a situação de Harvard que ele não poderia influenciar, não importa o quanto ele pensou que podia. Ainda assim, ele teve um papel central, e isso, por si só, ilustra um problema mais profundo. As questões pessoais que dominam a sabedoria oral sobre a geografia de Harvard são alguma coisa dos destroços aleatórios que nadam nas ondas de preocupações bem mais profundas. Mais fundamental entre elas é, em primeiro lugar, a questão de por que a geografia era tão vulnerável.

Nós podemos avaliar a vulnerabilidade da geografia sob dois aspectos: em primeiro está a fraqueza institucional da geografia, que está estreitamente ligada com a falta de um terreno intelectual claro e um conjunto de objetivos; em segundo está o alegado baixo calibre da erudição geográfica em Harvard. A geografia americana emergiu no final do século XIX como um desdobramento da geologia e era, claramente, uma relação fraca na consequente bifurcação de geografia e geologia. As origens essencialmente físicas da

geografia americana resultaram não apenas da influência da escola alemã, mas de considerações mais pragmáticas; a expansão da economia e do Estado-Nacional norte-americano era, essencialmente, uma luta contra o ambiente natural, um ataque à selva, uma retomada da fronteira. A necessidade social nesse contexto era por um entendimento dos atributos físicos, recursos e processos do ambiente natural, e a geografia emergiu com a geologia como aquela parte da divisão do trabalho acadêmico dedicada a investigar tais questões.

A bifurcação da geologia e geografia, iniciada na virada do século, coincidiu com dois desenvolvimentos cruciais. Primeiro, a expansão geográfica absoluta da fronteira americana e da colonização europeia global chegavam a um fim; a expansão geográfica não era mais o veículo mais efetivo para a expansão política e econômica à medida que as fronteiras naturais na paisagem eram progressivamente substituídas por fronteiras sociais. Segundo, no front intelectual, o determinismo ambiental estava continuamente caindo em descrédito, removendo, dessa maneira, a mais importante base lógica (no contexto do período) para uma disciplina da geografia intelectualmente independente. Essa foi uma transição menos tumultuada na Europa, onde a geografia já incluía um forte componente humano como um resultado tanto da longa história social entranhada nas paisagens europeias como das questões mais societárias provocadas pela expansão colonial. Mas, nos EUA, esses desenvolvimentos gêmeos explicam, em algum sentido, a agravada fraqueza intelectual da geografia à medida que ela tentava se separar administrativamente da geologia. Um padrão comum, especialmente entre as mais antigas instituições privadas de elite concentradas na costa leste, onde a geografia foi ensinada sob vários disfarces (mas não em departamentos independentes) por décadas e mesmo séculos, era adotar uma defesa dupla. Com a dependência explicativa exclusiva nos processos físicos agora em descrédito, a geografia adotou a síntese dos elementos humanos e físicos como a sua base lógica primordial. A segunda defesa, menos intelectual e mais pragmática, era enfatizar a utilidade prática da geografia. De fato, na Ivy League particularmente, a geografia passou mais e mais a ser vista, e a justificar a sua própria existência, em termos de sua função prática. Em Columbia e na Universidade da Pennsylvania particularmente, a geografia servia as Escolas de Negócios, enquanto que em Harvard, essa “ciência estritamente prática” (Livingstone, no prelo) era mais ambiental e militar em seu foco no início do século XX. No meio-oeste, por contraste, o

suposto “heartland” da estabilidade institucional da geografia americana, a transição forçada da disciplina foi menos difícil. A geografia se desenvolveu lá apenas poucas décadas depois do fim da fronteira e em simbiose com a emergência das *normal schools* e dos *land grant colleges*; havia pouco de uma tradição para ser superada e as instituições do meio-oeste eram muito mais orientadas para a prática do que as universidades do leste. O caráter prático da geografia e a sua função utilitária eram, portanto, tomados como garantidos, assim como a sua tradição intelectual era continuamente construída.

A fraqueza administrativa da geografia em Harvard se deve, em parte, a essas considerações mais gerais. Como a maioria dos programas que se dividiam da geologia, ele era numericamente fraco. Enquanto vários dos membros da faculdade trabalharam tanto no lado da geologia como no lado da geografia da Divisão, Whittlesey era o único membro permanente inteiramente dedicado à geografia. À exceção de Ullman e Ackerman, os outros membros não permanentes, que somavam entre dois e quatro no final dos anos 1940, eram, usualmente, instrutores de tempo parcial; contratações divididas eram comuns e alguns geógrafos até tinham posições integrais em outros departamentos. Essa fraqueza administrativa foi capitalizada pelo geólogo Billings que, ao deixar a geografia à deriva, foi explícito a respeito do relacionamento científico estreito da geografia física com a geologia, mas profundamente cético sobre a importância de uma geografia humana. A administração poderia certamente ser perdoada se ela não entendesse imediatamente a diferença intelectual entre Billings e Bowman, respectivamente, o principal oponente e o principal proponente da geografia.

Da parte de todos os participantes houve uma inabilidade para comunicar a não especialistas – acadêmicos e administradores igualmente – a matéria de preocupação única da geografia. O campo era sempre definido tão amplamente que, virtualmente, incluía tudo, ou tão estreitamente que tinha pouca razão de ser como uma investigação independente. Quando definida amplamente, a geografia pretendia cobrir todos os aspectos da “relação homem-ambiente” ou da “distribuição espacial dos fenômenos”, significando que os geógrafos teriam que ter conhecimento em muitos campos. O caráter único da geografia, então, deveria residir no caráter da sua síntese dessas outras especialidades, mas por que isso era único? Ao fim, a resposta que foi continuamente reiterada, foi que, no ato da síntese, o geógrafo traz uma perspectiva geográfica particular à tona. A afirmação coerente de uma agenda intelectual foi

substituída pela tautologia; aos não especialistas foi pedido que fizessem um ato de fé (que é o que o comitê de 1949 encarregado de reconsiderar a situação da geografia eventualmente fez) de apoio à geografia. Assim, em sua vaga defesa da “Geografia como uma Disciplina Universitária”, Bowman (1949) dedicou quase um terço do seu esforço a uma série de ilustrações da franja pioneira. Essa discussão era desconexa, alternadamente prosaica e obscura, e não evocativa dos “princípios geográficos significativos”. O assunto era tão marginal à geografia contemporânea, que, se o texto fosse mais coerente, ainda assim teria comunicado pouco da essência do campo.

Um mal-estar disciplinar mais profundo e mais geral veio à tona durante o caso Harvard. Embora fosse o mais categórico e o mais influente, Bowman não estava sozinho, de forma alguma, ao argumentar que um departamento de geografia humana era a direção errada a ser tomada por Harvard. Encarregado de examinar o campo mais amplo da geografia assim como o futuro do campo em Harvard, o comitê de 1949 consultou uma série de geógrafos proeminentes e seus trabalhos, e, com a exceção de Ullman, que estava no comitê, todos os geógrafos recitaram versões do que Glick (1983), baseando-se em Reynaud (1974), recentemente chamou de “mito da unidade” na geografia. Incapazes de especificar um objeto de que diferia das ciências fronteiriças, os geógrafos recorreram à tradicional reivindicação de que o objetivo da disciplina era sintetizar, desse modo oferecendo uma visão unificada das “relações homem-ambiente”. Para muitos que deram depoimentos, isso também significava que a geografia era única ao fazer uma ponte entre as ciências naturais e sociais. E então, a razão de ser da geografia como um campo separado dependia totalmente da unidade da geografia física e humana. Uma reivindicação familiar tanto agora como àquela altura, ela não convenceu o comitê, muito menos Buck e Conant. O comitê de 1949 ficou perplexo por sua inabilidade em extrair uma clara definição do tema, em apreender a substância da geografia, ou em determinar as suas fronteiras com outras disciplinas. Ao final, o comitê viu o campo como irremediavelmente amorfo (36). Diferentemente de Conant e Buck, cuja decisão foi dominada mais por critérios financeiros do que intelectuais, o comitê ainda sentiu, na finalização das suas deliberações, que poderia recomendar o restabelecimento da geografia. Eles o fizeram, contudo, sem nenhum senso claro do que estavam apoiando. Fossem eles contra ou a favor dela, nenhum dos mandantes em Harvard parecia ter um conceito claro do

que a geografia era. Essa foi a primeira ponta de vulnerabilidade, e aquela que permanece com a disciplina hoje.

A segunda vulnerabilidade potencial era a crença, como Bowman a colocou, de que os seus Ph. D.'s eram sem valor e o seu programa um jardim de infância intelectual. Deve ter havido substância para algumas dessas acusações, especialmente em vista da pequenez do programa e da relativa falta de membros sêniores da faculdade com dedicação integral, mas a informação disponível hoje joga alguma dúvida nessa afirmação. Ackerman e Ullman eram certamente pesquisadores jovens, mas eram amplamente considerados como estando entre os mais brilhantes de uma nova geração de geógrafos, e ambos receberam honras da AAG na década de sua expulsão de Harvard. As contribuições de Whittlesey foram reconhecidas também dentro da disciplina. Ele foi eleito Presidente da *Association of American Geographers* para 1944, e foi editor dos *Annals*, que tiveram a clarividência de comissionar o que, afinal, emergiria como *The Nature of Geography*, de Richard Hartshorne. Em relação a seus estudantes, Harvard conferiu oito Ph. D.'s em geografia entre 1939 e 1955 (Harvard University . . . 1939-1955). Sete dos quais eram no lado humano do campo, um em geomorfologia. Desses, a maioria dos que os obtiveram realizaram carreiras na geografia, conseguiram ao menos *full professorships* nas universidades dos EUA e ganharam reputações nacionais e internacionais. Ao lado do próprio Ackerman, o primeiro Ph. D. em geografia humana em Harvard, a lista incluía John Augelli, Rhoads Murphey, e Saul Cohen, até recentemente, Presidente do Queens College, da City University of New York (37). Essa lista de pessoas, é claro, não é garantia contra a mediocridade, mas, se Harvard abrigou um jardim de infância intelectual de geógrafos, como Bowman alegou, dificilmente estaria sozinha nessa. Dado o calibre intelectual da faculdade e dos estudantes de Harvard, tal como julgado pelo próprio campo, certamente a disciplina, assim como os indivíduos de Harvard, é que devem carregar a responsabilidade pelos eventos, e nisso, Bowman estava correto.

Existe certo desconforto entre os próprios geógrafos em relação à qualidade da erudição nesse período. O Diretor da *American Geographical Society*, em uma carta a Buck apoiando a promoção de Ackerman que desencadeou todo o caso, admitiu que a geografia

“tem tido mais do que a sua cota de trabalhadores do asfalto” (38)<sup>3</sup>. Ackerman lamentou o provincianismo acadêmico dos geógrafos, alegando que muito do trabalho geográfico do século XX feito até 1945 havia sido conduzido por acadêmicos que eram “mais ou menos amadores nos temas nos quais publicaram” (Ackerman, 1945, 124). E, em uma retrospectiva posterior, Peter Gould (1979, 140) descreveu a geografia desse período como “amadorismo tosco e antiquarianismo”. Se essas descrições transmitem ao menos uma impressão parcialmente precisa da mediocridade de muito da investigação geográfica nesse período, então é difícil escapar da conclusão de que a acusação de Bowman faz da própria disciplina o bode expiatório.

### **Conclusão**

A disciplina era suficientemente vulnerável administrativamente e intelectualmente que a “guerra acadêmica no campo da geografia” em Harvard foi vencida com o primeiro tiro disparado. Ao mesmo tempo, havia alguma luz, à medida que o potencial esperado da disciplina parecia ser reconhecido em todo lugar; apenas um ano depois do término em Harvard, Yale anunciou que estava acrescentando um departamento de geografia (“Yale adds geography”, 1949), embora tenha sobrevivido apenas duas décadas. Em Harvard, as esperanças foram levantadas brevemente quando o comitê de 1949 investigou o futuro da geografia e arquivou um relatório simpático recomendando o estabelecimento de um departamento separado de geografia. Por razões financeiras, aparentemente, a recomendação nunca foi implementada, e, a despeito de outra recomendação afirmativa de um comitê reconstituído posteriormente nos anos 1950, a geografia nunca foi reintroduzida. Naquela época, ainda, a faculdade e a administração consideraram a geografia uma “questão não finalizada”. Em 1960, de acordo com David Bailey, Secretário da Harvard Corporation, a geografia ainda estava na agenda de Harvard: “quando houver dinheiro suficiente”, ele disse, e “quando Harvard puder encontrar o homem certo”, a geografia se tornará novamente um

---

<sup>3</sup> A expressão original do Diretor da AGS é “has had more than its share of pedestrian workers”, o que sugere uma metáfora que faz referência à significativa presença de indivíduos intelectualmente superficiais na geografia da época (N.T.).



campo de estudo (Morris, 1962, 239). Formalmente, a questão da geografia em Harvard permanece não resolvida.

### **Agradecimentos**

Nessa pesquisa, eu fui auxiliado por uma Bolsa Young Faculty da Spencer Foundation, através do Teachers College, da Universidade de Columbia, e por uma bolsa da Mellon Foundation para o Departamento de Geografia e Engenharia Ambiental da Universidade Johns Hopkins. Eu sou grato ao Professor Arthur Mass e aos Arquivos da Universidade de Harvard pela permissão para usar fontes específicas e ao staff das Special Collections, à Biblioteca Milton S. Eisenhower, da Universidade Johns Hopkins. Muitos indivíduos comentaram e contribuíram para o meu trabalho sobre Isaiah Bowman e disponibilizaram material; enquanto eu aprecio plenamente esse débito, talvez seja mais apropriado agradecer às suas contribuições específicas em um outro contexto.

### **Notas**

1. Entrevista com Jean Gottmann, College Park, Md., 23 de Março de 1982.
2. Derwent Whittlesey para Isaiah Bowman, 7 de outubro de 1949, *Isaiah Bowman Papers, Johns Hopkins University, Record Group 58 (hereafter JHU)*.
3. Whittlesey para George Cressey, 16 de abril 1948, *Whittlesey Papers, Widener Library, Arquivos da Harvard University (hereafter Whittlesey Papers)*.
4. Marland P. Billings para Provost Paul Buck, 6 de junho de 1947 (Carta A), *JHU*. As designações A, B e C são meu próprio meio de identificar as três cartas separadas que Billings enviou a Buck naquela data.
5. Billings para Buck, 6 de junho de 1947 (Cartas B e C), *JHU*.
6. Billings para Buck, 6 de junho 1947 (Carta B), *JHU*.
7. Hartshorne para Buck, 5 de junho de 1947; Wright para Buck, 5 de junho e 9 junho de 1947; Whittlesey para Buck, 13 de junho de 1947; Tenente-Coronel Hubert G. Schenck para Buck, 11 de junho de 1947, *JHU*.
8. Buck para Bowman, 6 de novembro de 1947; Bowman para Wright, 22 de março e 31 março de 1948, *JHU*. Os Harvard Archives incluem um arquivo sobre o Comitê *Ad Hoc* sobre a Geografia, relacionado a esse comitê, mas, “pela natureza desses arquivos”, o acesso foi negado pelo Dean da Faculdade de Artes e Ciências. Os Conant Papers em Harvard são, da mesma forma, fechados. (C. A. Elliott para o autor, 6 de maio de 1983 e 1 de junho de 1983).

9. Isaiah Bowman para Robert G. Bowman, 28 de outubro de 1947. *Bowman Papers*, anteriormente mantidos por Robert Bowman, em Lincoln, Nebraska (esses papéis estão, atualmente, sendo integrados aos Bowman Papers, na Universidade Johns Hopkins, mas, como eles foram consultados separadamente, eles irão, daqui em diante, ser citados separadamente com a designação RGB); Bowman para James B. Conant, 26 de novembro de 1947, *JHU*.

10. Memorandum, Billings para Whittlesey, 21 de fevereiro de 1948, *Widener Library*, Arquivos da *Harvard University*, *Harvard Geography* 1948. *HUG* 4877.412 (daqui em diante citados pelo número do arquivo); J. K. Wright para Bowman, 4 março de 1948, *JHU*.

11. Whittlesey para E. Willard Miller, 16 de abril de 1948, Harvard, *HUG* 4877.412.

12. Whittlesey para George Cressey, 16 de abril de 1948, Harvard, *HUG* 4877.412; Kirk Bryan para Bowman, 16 março, 16 março de 1948, *JHU*.

13. Peter B. Roll para Whittlesey, 8 março de 1948, Harvard, *HUG* 4877.412;

14. Bowman para President Harry Truman, 12 setembro de 1946; *Memorandum* em conversa com o Presidente Truman, 24 de setembro de 1945, *JHU*; J. B. Conant para Karl Compton, 28 de setembro de 1949, *Bowman Papers* (coleção restrita), *JHU*, *Fishing Trip file*.

15. Bowman, *memorandum* sem título, 27 de julho de 1937, *RGB*.

16. O. M. Miller para Preston E. James, 4 de outubro de 1966, *American Geographical Society*, Correspondência do diretor (Isaiah Bowman), *James file*, (daqui em diante *AGS*).

17. Bowman para J. K. Wright, 31 de março de 1948, *AGS*, *Wright file*.

18. Entrevista com Preston James, San Antonio, Texas, 27 de abril de 1982.

19. Bowman para Whittlesey, 11 de janeiro, 30 de janeiro, 1 de fevereiro de 1937; Whittlesey para Bowman, 7 de janeiro, 28 de janeiro, 1 fevereiro, 29 de abril de 1937. *RGB*.

20. Bowman para Wright, 8 março e 31 de março de 1948; Kirk Bryan para Bowman. 27 de março de 1948, *JHU*.

21. Bowman para H. H. Barrows, 6 de novembro de 1920 e 8 de outubro de 1921, *AGS*, Barrows file; Bowman para Whittlesey, 27 de setembro, 5 de outubro, 31 de outubro de 1932; Whittlesey para Bowman, 3 de outubro e 26 outubro de 1932; *AGS*, *Whittlesey file*; Bowman para Platt, 28 de setembro de 1936, *JHU*; Whittlesey para Charles Colby, 4 março de 1943, *Whittlesey Papers*.

22. Bowman para John Orchard, 23 de fevereiro de 1926; Bowman para Wrigley, 15 de abril de 1948; Bowman para J. Russell Smith, 15 de novembro de 1948, *JHU*.

23. Entrevista com Jean Gottmann, College Park, Md., 23 de março de 1982; Entrevista com George Carter, *Long Green, Md.*, 15 de junho de 1982.

24. Bowman, *Brookhaven Laboratory Conference*, 13 de outubro de 1948, *Memorandum*; Bowman para Wright, 8 de março de 1948; Bowman para Buck, 12 maio de 1948, *JHU*.

25. E. Ullman para Bowman, 25 de fevereiro de 1949; Bowman para Ullman, 2 março de 1949, *JHU*.

26. Bowman para Wright, 22 de março de 1948, *RGB*.

27. Bowman para Conant, 26 de novembro de 1947, *RGB*.

28. Bowman, *The Geographical Situation of the United States in relation to world politics*. Rascunho de um discurso para a *Royal Geographical Society*, Londres, 21 de junho 1948, p. 2, *JHU*. Bowman foi introduzido pelo Honorável Lord Rennell de Rodd e a discussão de seu artigo foi conduzida por Lord Halifax, Embaixador para os Estados Unidos e anteriormente Secretário dos Negócios Estrangeiros. Na versão final impressa do discurso, a alusão a Harvard é omitida (Bowman, 1948).

29. Bowman para Conant, 26 de novembro de 1947, *JHU*.

30. Bowman para Gladys Wrigley, 15 abril de 1948, *JHU*.

31. Bowman para Wrigley, 15 abril de 1948, *JHU*.

32. Atas da Quarta e Sexta reuniões ordinárias do *Subcommittee on Geography of the Committee on Educational Policy*, *Harvard University*, 10 de outubro e 18 de novembro de 1949; citadas por permissão de Arthur Maass.

33. Bowman para Harlow Shapley, 9 de novembro de 1946, *JHU*.

34. Ullman para Donald McKay, n. d., Arquivos da *Harvard University*, *Subcommittee on Geography of the Committee on Educational Policy*, 3 de abril de 1950, *Harvard UA 111.10.198.132* (daqui em diante citado pelo número do arquivo).

35. Bryan para Bowman, 27 de março de 1948, *JHU*.

36. *Geography as a subject of university research and teaching*. Relatório do *Subcommittee on Geography of the Committee on Educational Policy*, 3 abril de 1950, *Harvard UA 111.10.198.132*. Entre aqueles consultados pelo comitê, além de Bowman, estavam Richard Hartshorne, Dudley Stamp e Carl Sauer.

37. Os outros quatro foram Edmund Schulman, Benjamin Earle Thomas Jr., Howard Green e J. Rowland Illick. A Divisão de Geologia e Geografia em Harvard no final dos anos 1940 e nos anos 1950 também incluía, entre outros, M. Gordon Wolman, que obteve um Ph.D. em geologia em 1953, George Lewis (geografia, 1956), Peter Nash (planejamento regional e urbano, 1958), George Hoffman, que deixou Harvard por Michigan, e Kempton E. Webb, um graduando.

38. J. K. Wright para Buck, 5 de junho de 1947, *JHU*.

## Referências bibliográficas

Ackerman, E. A. 1945. Geographic Training, wartime research, and immediate professional objectives. *Annals of the Association of American Geographers*, 35:121-43.

Bowman, Isaiah. 1911a. *Forest physiography: Physiography of the United States and principles of soils in relation to forestry*. New York: John Wiley & Sons.

\_\_\_\_\_ 1911b. *Well-drilling methods*. Washington, D. C.: U. S. Government Printing Office.

\_\_\_\_\_ 1934. *Geography in relation to the social sciences*. New York, Charles Scribner's Sons.

\_\_\_\_\_ 1948. The geographical situation of the United States in relation to world policies. *Geographical Journal* 112:129-42.

\_\_\_\_\_ 1949. Geography as a university discipline. Rascunho corrigido à mão da apresentação ao Sixth Regular Meeting of the Subcommittee on Geography of the Committee on Educational Policy, Harvard University, 18 November, Bowman Papers, Johns Hopkins University.

Bryan, Kirk. 1935. William Morris Davis – leader in geomorphology and geography. *Annals of the Association of American Geographers* 25:23-31.

Bush, Vannevar. 1945. *Science. The endless frontier*. Washington, D.C.: U. S. Government Printing Office.

Buttimer, Anne. 1978. Charisma and context: The challenge of 'La Geographie Humaine'. In *Humanistic geography: Prospects and problems*, ed. D. Ley and M. Samuels. pp. 58-76. College dooms major geographical field. 1948. *Harvard Crimson*, 4 March.

Committee on Post-War Plans. n. d. [probably 1944]. Geography at Harvard. Report to the Division of Geological Sciences. Whittlesey Papers, Archives of Harvard University.

Conant, James B. 1970. *My several lives: Memoirs of a social inventor*. New York: Harper and Row.

Council report criticizes elimination of geography. 1948. *Harvard Crimson*, 21 April.

England, J. Merton. 1982. *A patron for pure Science: The National Science Foundation's formative Years, 1945-1957*. Wasington, D. C.: National Science Foundation.

Geography loss puzzles Whittlesey. 1948. *Harvard Crimson*, 6 March.

Glick, Thomas F. 1982. Before the revolution: Edward Ullman and the crisis of geography at Harvard, 1949-1950. Paper presented at the Annual Conference of the Association of American Geographers, San Antonio, 26 April.

\_\_\_\_\_. 1983. In search of geography. *Isis* 74 (271):92-97.

Gould, Peter. 1979. Geography 1957-77: The Augean period. *Annals of the Association of American Geographers* 69:139-51.

Harvard Univsersity, Graduate School of Arts and Sciences. 1939-1955. *Summary of theses*. Annual volumes. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Harvey, David. Owen Lattimore – A memoire. *Antipode* 15 (3): 1-11.

James, Preston E. 1972. *All possible worlds. A history of geographical ideas*. Indianapolis: Bobbs-Merrill.

Kevles, Daniel J. 1979. *The Physicists: The history of a scientific community in modern America*. New York: Vintage.

Livingstone. David N. Forthcoming. A geologist by profession, a geographer by inclination: Nataniel Southgate Shaler and geography at Harvard. In *Harvard University as context to Science: Historical approaches at the end of three and a Half centuries*, ed. C. Elliott, M. Rossiter, and B. Rosenkrantz. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Lomansk, Milton. n. d. A minor miracle. An informal history of the National Science Foundation. Washington, D.C.: National Science Foundation.

Martin, Geoffrey. 1980. *The life and thought of Isaiah Bowman*. Hamden, Conn.: Shoe String Press.

Morris, Rita M. 1962. An examination of some factors related to the rise and decline of geography as a field of study at Harvard, 1638-1948. Ph. D. diss. Graduate School of Education. Harvard University.

Newman, Robert P. 1983. Lattimore and his enemies. *Antipode* 15 (3): 12-26.

Off the map, 1951. *Harvard Crimson*. 2 March.

Reynaud, Alain. 1974. *La Géographie entre le mythe et la Science. Essai d'epistemologie*. Reims: Travaux de l'Institut de Géographie.

Schrecker, Ellen W. 1986. *No ivory tower. McCarthyism and the universities*. New York: Oxford University Press.

U.S. Congress. 1945. Hearings on Science legislation (S1297) and related bills before the Subcommittee of the Senate Committee on Military Affairs, 79th Cong., 1st sess.

Yale adds geography. 1949. *New York Times*. 20 February.

**ERRATA**

- No artigo *Análise das alterações antropogeomorfológicas na Bacia do Rio Cabeça (SP) a partir do uso de geoindicadores*, de autoria de Melina de Melo Silva e Cenira Maria Lupinacci, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *O espaço de batalha urbana na cidade do Rio de Janeiro*, de autoria de Márcio José Mendonça, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A percepção ambiental enquanto ferramenta para pensar o meio no ensino de geografia*, de autoria de Aldeíze Bonifácio da Silva, Marcela Albino do Nascimento e Maria Francisca Jesus Lírio Ramalho, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, e no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Ensino-aprendizagem do saber religião em Geografia*, de autoria de Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador e Roseane Richele de Medeiros, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Técnicas de sensoriamento remoto para análise temporal do espelho d’água da Lagoa Grande na cidade de Sete Lagoas – MG*, de autoria de Fernanda Mara Coelho Pizani, Max Paulo Rocha Pereira, Matheus Miranda da Silva e Marcos Antônio Timbó Elmiro, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Geografia, escalas e a lua: do geocentrismo à ontologia*, de autoria de Jahan Lopes, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A favor da metrópole, contra a metrópole: uma perspectiva lefebvriana da contrarrevolução urbana*, de autoria de Renan dos Santos Sampaio, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No documento *Apresentação do dossiê de traduções: Neil Smith e a história da Geografia anglo-saxã*, de autoria de João Alves de Souza Neto, Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim e Larissa Alves de Lira, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Neil Smith, 1954-2012. Geografia Radical, Geógrafo Marxista, Geógrafo Revolucionário*, de autoria de Paulo Bomfim; Clarissa Cavalcante e Rosana de Campos Fernandes, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *“Guerra Acadêmica no Campo da Geografia”: A Eliminação da Geografia em Harvard, 1947-1951*, de autoria de Fernando José Coscioni, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *O novo mundo de Bowman e o Conselho de Relações Exteriores*, de autoria de Carlos Geraldino, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Geografia como museu: história privada e idealismo conservador em The Nature of Geography*, de autoria de Larissa Alves de Lira, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”



- No artigo *Por uma História da Geografia: Resposta aos Comentários*, de autoria de Rafael Augusto Andrade Gomes, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A geografia neocrítica, ou o mundo plano e pluralista da classe executiva*, de autoria de Breno Viotto Pedrosa, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A diversão da cultura a política da geografia cultural*, de autoria de João Souza, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas: Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”